

# António Quadros

## Obra, Pensamento, Contextos

coordenação

Manuel Cândido Pimentel  
Sofia Alexandra Carvalho



## Índice

<b>Prefácio</b>	9
<i>Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho</i>	
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
A AVENTURA DO PENSAR	
<b>António Quadros, Filósofo do Movimento</b>	17
<i>Joaquim Domingues</i>	
<b>A Filosofia do Movimento em António Quadros Prolegómenos especulativos à operacionalização da Saudade do Futuro</b>	25
<i>Mário Sérgio Ribeiro</i>	
<b>O Lugar do Intemporal A propósito de António Quadros, pensador do mito da História</b>	33
<i>Carlos H. do C. Silva</i>	
<b>História, Hermenêutica Esotérica e Filosofia em Portugal, Razão e Mistério</b>	43
<i>João Ferreira</i>	
<b>Ser e Estar, Ter e Haver, Fazer Espírito, Língua e Cultura no Pensamento de António Quadros</b>	50
<i>Jorge Croce Rivera</i>	
<b>António Quadros Cultura e Desocultação</b>	61
<i>José Antunes de Sousa</i>	
<b>António Quadros As diferenças culturais como problema filosófico</b>	66
<i>Rui Lopo</i>	
<b>A Distinção entre o Tempo Mítico Grego (Angústia da Tragédia) e o Tempo Histórico Judaico-cristão (Esperança Bíblica) no Pensamento Escatológico de António Quadros</b>	73
<i>Samuel Dimas</i>	

<b>Saudade e Futuro em António Quadros</b>	80
<i>Pedro Vistas</i>	
<b>A Intuição e o Conceito do Divino em António Quadros</b>	88
<i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	
<b>A Teologia do Espírito Santo em António Quadros</b>	96
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>ENTRE TRADIÇÃO E INVENÇÃO</b>	
<b>A Estética Existencial de António Quadros</b>	105
<i>António Braz Teixeira</i>	
<b>A Dimensão Estética no Pensamento de António Quadros</b>	114
<i>José Carlos Pereira</i>	
<b>Filosofia da Paisagem na Obra de António Quadros No Primeiro Barroco Atlântico (apontamento)</b>	120
<i>Rodrigo Sobral Cunha</i>	
<b>António Quadros e a Crítica ao Existencialismo</b>	125
<i>Marta Mendonça</i>	
<b>António Quadros e a Filosofia Portuguesa</b>	135
<i>J. Pinharanda Gomes</i>	
<b>António Quadros e o «57 – Movimento de Cultura Portuguesa»</b>	147
<i>Manuel Gama</i>	
<b>A Exegese do Sebastianismo em António Quadros</b>	157
<i>Miguel Real</i>	
<b>O Carácter Paraclético e Apocalíptico da Ilha Brasil no Contexto do Mito Sebastianista</b>	163
<i>Loryel Rocha</i>	
<b>António Quadros como precursor dos estudos do sebastianismo na literatura brasileira</b>	174
<i>Lúcia Helena Alves de Sá</i>	

<b>A Leitura do Modernismo em António Quadros</b>	182
<i>Nuno Júdice</i>	
<b>A Poética de António Quadros</b>	187
<i>António Cândido Franco</i>	
<b>António Quadros Da literatura alheia à literatura própria</b>	192
<i>João Bigotte Chorão</i>	
<b>António Quadros e a Ficção Nacional Saudades do Futuro...</b>	197
<i>Annabela Rita</i>	
<b>António Quadros, Tradutor Relatório preliminar e algumas perguntas</b>	208
<i>Teresa Seruya</i>	
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
<b>SITUAÇÃO, PÁTRIA E TESTEMUNHO</b>	
<b>Linhas de Força de uma Antropagogia Situada na Obra de António Quadros</b>	223
<i>Manuel Ferreira Patrício</i>	
<b>António Quadros – Intérprete do Portugal Moderno</b>	230
<i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	
<b>António Quadros e a Universidade em Crise Uma questão cultural</b>	233
<i>Luísa Leal de Faria</i>	
<b>António Quadros Leitor e Intérprete de Albert Camus</b>	246
<i>Maria de Lourdes Sirgado Ganho</i>	
<b>“Razão e Mistério” Uma leitura comparada entre António Quadros e Sampaio (Bruno)</b>	253
<i>Afonso Rocha</i>	
<b>«A Procura da Verdade Oculta» António Quadros e o Pensamento Esotérico de Fernando Pessoa</b>	263
<i>José Almeida</i>	

<b>António Quadros Leitor Integral De Fernando Pessoa</b> <i>Raquel Nobre Guerra</i>	271
<b>Mito, Utopia e Ucrânia</b> <b>Leituras de António Quadros e Eudoro de Sousa</b> <i>Sofia A. Carvalho</i>	280
<b>António Quadros, a Filosofia Portuguesa e a Tradição Joaquimita</b> <b>Em diálogo com Agostinho da Silva e José Marinho</b> <i>Renato Epifânio</i>	292
<b>António Quadros e a Paideia Lusa</b> <i>Abel de Lacerda Botelho</i>	300
<b>A visão do Brasil em António Quadros</b> <i>Constança Marcondes Cesar</i>	311
<b>António Quadros e o Brasil</b> <i>Anna Maria Moog Rodrigues</i>	317
<b>António Quadros</b> <b>Um testemunho</b> <i>José António Barreiros</i>	325
<b>António Quadros, Homem Vertical</b> <i>Gilberto de Mello Kujawski</i>	330
<b>Apresentação do Colóquio no Brasil</b> <i>António Quadros Ferro</i>	333

## Prefácio\*

### I.

«O escritor é, porventura, o elemento basilar de um complexo cultural. Levando o pensamento até ao seu limite necessário, diremos mesmo que o escritor é o elemento basilar de um complexo nacional.»<sup>1</sup>. Assim se pronunciava António Quadros, na obra *A Existência Literária*, sobre a situação cultural e a verdade do escritor na sociedade e, em particular, na sociedade portuguesa, acrescentando ser ele o «elemento social, que, pela sua acção, mais contribui para o progresso espiritual e até material da pátria portuguesa e da humanidade»<sup>2</sup>.

Concordando estritamente com o seu próprio ponto de vista filosófico da nuclearidade da antropologia no contexto dos saberes ou mesmo da sua prevalência nos domínios da sabedoria filosófica, um traço que tem em comum com o seu Mestre Álvaro Ribeiro, António Quadros viu no escritor aquele que «estuda o homem sob todos os seus ângulos», sendo ele o filósofo, o poeta, o dramaturgo, o novelista, o sociólogo, o historiador, o orador e o teólogo ou apologista.

Se o primeiro, o *filósofo*, tem por missão observar e exprimir «as relações do espírito com a alma e o corpo, que perscruta as fronteiras da antropologia, da cosmologia e do transcendente, que explora os fins da Humanidade, o sinal do seu destino neste mundo de geração e corrupção»<sup>3</sup>, o último, o *teólogo* ou *apologista*, tem por missão dar «notícias aos homens de um Deus interiorizado ou revelado»<sup>4</sup>.

Como *poeta*, o escritor «traduz a dor, a angústia e a saudade»; *dramaturgo*, «reproduz, artisticamente, os conflitos sociais», revelando-nos o agenciamento do mal entre os seres humanos; *novelista*, «alinha a sucessão dos eventos vitais de um homem ou de uma família, que transmite um movimento humano e espiritual no tempo e no espaço»<sup>5</sup>.

E enquanto sociólogo, historiador e orador? Se aquele, o *sociólogo*, «analisa as virtudes e as carências das sociedades e as suas relações entre si», se o *historiador*

---

\* As partes 1 e 2 do presente prefácio foram redigidas por Manuel Cândido Pimentel e Sofia Alexandra Carvalho, respetivamente.

<sup>1</sup> António Quadros, *A Existência Literária*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1959, p. 209.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>3</sup> *Ibidem.*

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 209 e 210.

rebusca no passado «riquezas que podem servir ao presente e ao futuro», o *orador* «aponta necessidades e soluções políticas»<sup>6</sup>.

Quem conheceu e conhece António Quadros — ou pelo convívio direto, ou pela palavra escrita, ou pelo movimento conjugado dessas duas vias —, conhecedor do *intermezzo* entre os dois atos que são a sua caracterologia humana e a sua psicografia anímica, não ignora o quanto há dele nessa descrição do escritor, que, pensada genericamente para todos os escritores, a ele muito particularmente se aplica.

Em verdade, António Quadros foi escritor na real aceção da palavra que ele investiu em *A Existência Literária*: escritor na situação múltipla das faces ou personalidades que aí ponderou, tendo sido todas elas ou todas elas contribuindo para a unidade da sua personalidade criadora.

E se foi filósofo, não o foi apenas, porque foi poeta e novelista, e, a seu modo, sociólogo, historiador e orador, de um modo, aliás, muito especial, que o radica na historiografia da cultura portuguesa, com a qual se comprometeu de forma tão profunda que a segunda metade do século XX lhe deve o testemunho mais impressionante de um labor sem tréguas pela identidade da cultura de Portugal.

Do periódico de imprensa à revista filosófica e literária, da hasta pública, constituída *forum* de ideias e debate, à obra escrita e editada, da necessidade de intervenção ao movimento literário e filosófico, o escritor que foi António Quadros ritmou a sua vida pessoal e intelectual por uma paixão avassaladora, a paixão por Portugal.

É essa paixão que pela exímia mão do celebrado autor de *Portugal, Razão e Mistério* nos conta hoje pela lauda escrita, aqui e agora, e supomos que para sempre, os velhos arquétipos e glórias de outrora de Portugal e Portugueses. Mas faltaríamos o espírito de António Quadros se pretendêssemos que tal paixão não tem maior còvado que o espaço de um museu de memórias. Mestre da Portugalidade, como lhe chamou Álvaro Ribeiro, o legado de António Quadros abre-se ao futuro, onde as gerações sucessivas do Portugal atual e do Portugal possível poderão ir colher os ensinamentos da arte de ser, estar e continuar português, porque, como ensina este Mestre, não têm futuro a nação e as gerações nela se a si não se conhecerem, se não nascerem continuamente de um movimento de autognose que as leve à raiz ontológica onde verdadeiramente se conhecem como portuguesas e portugueses.

A paixão de Quadros por Portugal constitui por si só uma experiência pedagógica denegadora do estrangeiramento da nossa cultura e, levada muito a sério, como, em verdade, deverá, não deixará de fazer corar quem presuma olhar Portugal e os Portugueses pelo prisma da negatividade. A paixão de Quadros

---

<sup>6</sup> *Ibidem*.

surge como antídoto a favor do otimismo e da gesta heroica que todo o futuro das pátrias pede às gerações.

De seu nome completo, António Gabriel de Castro Quadros Ferro, nasceu a 14 de julho de 1923 em Lisboa e nesta mesma cidade faleceu a 21 de março de 1993. Nos votos de pesar sobre o seu passamento, na Assembleia da República, a 24 de março, Manuel Alegre, entre outros, rendeu-lhe justiça, dizendo que, como Pascoaes e Pessoa, entendia António Quadros que «a colectividade nacional é a expansão de uma alma, de um espírito, sendo, depois, um ente com vida e energia própria», e que o escritor de *Memórias das Origens, Saudades do Futuro* «Pensava que nenhuma pátria pode subsistir e afirmar-se na plenitude do seu ímpeto vital e da sua energia criadora sem radicar no que os gregos chamavam *Paideia*, ou seja, um código de valores, englobando, numa univocidade plural – a expressão é sua –, um pensamento, uma literatura, um teatro, uma arte, um sistema de educação»<sup>7</sup>.

A dimensão da *paideia* cultural de António Quadros está suficientemente atestada nas páginas da presente edição. A ela, porém, não se reduz o seu perfil intelectual, já que, como acima se disse, o escritor é nele múltiplo. Quem, porém, queira procurar o engendramento da sua unidade, fá-lo-á sempre pela filosofia, pois que é nesta que está a pedra angular que sustenta a abóbada do seu edifício de ideias, o plano da sua arquitetura e a argamassa que põe em diálogo os saberes e práticas de saber que se cruzam nos seus textos.

Uma das principais características da obra de António Quadros está precisamente no veio fortemente interdisciplinar que motivou convocar-se para o seu estudo investigadores de tendências e áreas de saber diversas, donde a atenção também aos seus contextos históricos, culturais, filosóficos, literários, sociológicos, capazes de lançar luz sobre a complexidade de uma obra multifacetada e que espera por mais aprofundados e alargados estudos. Este livro de atas, que reúne o contributo de tantos, é, na segunda década do século XXI, uma pedra para o edifício desses estudos, e, conseqüentemente, um auspício, pois que espera que a reflexão ora empreendida encontre ecos no futuro.

Para o carácter interdisciplinar deste livro contribuiu a feliz relação do CEFi – Centro de Estudos de Filosofia, ao tempo dirigido por mim, com o CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, dirigido pelo Professor Peter Hanenberg, ambos unidades de investigação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, que pelo empenho de respetivos investigadores deu resposta ao veio interdisciplinar da obra de Quadros, a que se veio associar a Fundação António Quadros, dirigida por Mafalda Ferro, parceira natural da iniciativa, e o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro,

---

<sup>7</sup> Transcrito in AA. VV., *Sabatina de Estudos da Obra de António Quadros: Colóquio: Contributo bibliográfico*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1995, p. 116.



a que preside o ilustre Dr. António Gomes da Costa, por este se tornando possível a projeção de um colóquio internacional, a responder àquela significativa vertente da lusobrasilidade de António Quadros, a que António Quadros Ferro, seu neto, foi muito sensível, praticamente orientando e organizando os estudos que se fizeram ouvir nas salas do Real Gabinete.

O balanço desse encontro científico em Portugal e no Brasil é dado ao público na reunião aqui feita da maioria dos seus estudos, obra que inclui ainda testemunhos e participação de quem esteve próximo e conviveu com António Quadros, capazes de dar uma visão do Homem e da Personalidade não inteiramente enfileirada no rigorismo da cultura de investigação universitária. Estes estudos são, como a obra de Quadros pede, plurais, sobre estética, crítica e criação literárias, exegese e pensamento filosóficos, teoria da história e do mito, pedagogia, metafísica e teologia, e encontram-se distribuídos por três partes, onde sucessivamente se vai do universal para o mais particular; ou dos supostos filosóficos e da filosofia do movimento para a tradição e invenção da cultura, a estética, a literatura e o imaginário sebastianista, e destes para as geografias culturais, as pátrias e o homem situado.

## 2.

Um dos intentos que inscrevem o sentido do pensamento reflexivo, a par da consolidação da investigação crítica, prende-se justamente com a procura deste duplo propósito, neste livro patenteado: recolocar o exercício próprio do filosofar, presente na tradição pensante da filosofia portuguesa, ainda que descontínua e difusa (como adequadamente propõe José Marinho), acerca da obra e pensamento de António Quadros, bem como na importância exegética do autor sobre autores portugueses, como, por exemplo, Fernando Pessoa, José Marinho, Afonso Botelho, Orlando Vitorino, Álvaro Ribeiro, Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Sant'Anna Dionísio, Raul Brandão, Raul Leal, entre tantos outros; e aclarar, partindo desse contributo, o enquadramento histórico do pensamento português e a necessidade de situar, igualmente, o espaço intelectual português e europeu, aclamando a edição e direção dos fascículos de cultura da *Acto* (1951-1952), da *Revista Espiral* (1964-1966) e da criação do «Movimento de Cultura Portuguesa» e o consentâneo jornal *57* (1957-1962).

Com *António Quadros: Obra, Pensamento, Contextos. Colóquio Internacional nos 90 anos do seu nascimento e 20 da sua morte* — evento que, sob o Alto Patrocínio da Excelentíssima Senhora Dra. D. Maria Cavaco Silva, foi promovido pelo Centro de Estudos de Filosofia e o Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, a Fundação António Quadros e o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em parceria com a Câmara Municipal de Cascais e a Câmara Municipal de Lisboa —, pretendeu-se, por um lado, trabalhar as formas mais representativas do

pensamento português e, por outro, estabelecer uma íntima conexão teleológica e intercultural do estado movente do seu pensamento, ainda que inacabado.

Não poderíamos, assim, deixar de firmar aqui o nosso agradecimento ao Professor Doutor António Braz Teixeira, enquanto um dos representantes do movimento da filosofia portuguesa, e a Mafalda Ferro, Presidente da Fundação António Quadros, a cujas sugestões devemos parte substancial da realização deste acontecimento.

Outros nomes, a quem devemos um especial agradecimento pelo empenho incalculável na realização do evento, são os de Ana Lúcia Carvalheda, Samuel Dimas, Pedro Cabrera e Pedro Vistas.

Com efeito, o câmbio de saberes interdisciplinares que agora reunimos torna-se claro e evidente testemunho da incorporação da comunidade académica e científica quer no cruzamento de pensamentos específicos sobre a cultura e o movimento da filosofia portuguesas, quer na construção de um discurso original e diverso em constante prospetividade de transmissão e movimento para o futuro, revelando-se, assim, um úbere campo de perscrutação, cuja continuidade deverá ser preservada e ampliada em futuros eventos.

Ao percorremos estas páginas, encontramos a dimensão estético-simbólica do pensamento de António Quadros, a prossecução efetiva das ideias centrais do Movimento da Filosofia Portuguesa, as preocupações vigentes de uma antropologia e de uma *paideia* lusitanas, ou examinamos melhor os pressupostos da poética e da crítica literária do autor, a sua arqueologia pensante no domínio da historicidade e da mitologia, bem como os designios escatológicos presentes nesse *projeto áureo de realização da Humanidade*, estribado numa Teologia do Espírito Santo, cujas repercussões ainda hoje ecoam.

É assim que, num tempo que perdeu ou recusou passivamente os arquétipos fundacionais, se reconhece a necessidade de uma recuperação ou renovação de uma parte substancial do universo do pensamento português.

Os Coordenadores